

FORMAÇÃO DA IDENTIDADE RUSSA ANALISADA DIANTE À INFLUÊNCIA DO IMPÉRIO CHINÊS E MONGOL

Julia Sabino Schwindt Campos¹, RA: 125111363668;
Laissa Souza Urbino², RA: 125111353530.

Resumo: Escrevemos esse artigo, com o objetivo de analisar, por meio da história dos maiores Impérios Orientais, a influência desses na formação da Identidade Russa. Essa análise por meio de revisão bibliográfica nos possibilitou entender, à luz das características da história dos impérios Orientais, os atuais comportamentos russos, estabelecendo uma visão mais clara da sua identidade atual. Os autores revisados foram Halford Mackinder, Henry Kissinger, Leonel Mello, Tim Marshall e Alexander Zhebit.

Palavras-chave: Rússia; China; Mongólia; identidade; geopolítica.

Introdução

Ao analisar o comportamento russo na atualidade nos deparamos com diversas atitudes que nos geram um questionamento: a Rússia seria um país Oriental ou Ocidental em sua perspectiva identitária?

Dessa pergunta de partida, escrevemos esse artigo, com o objetivo de analisar, por meio da história dos maiores Impérios Orientais, a influência desses na formação da Identidade Russa. Essa análise por meio de revisão bibliográfica nos possibilitou entender, à luz das características da história dos impérios Orientais, os atuais comportamentos russos, estabelecendo uma visão mais clara da sua identidade atual. Os autores revisados foram Halford Mackinder, Henry Kissinger, Leonel Mello, Tim Marshall e Alexander Zhebit.

Para essa análise, dividimos esse artigo em 5 capítulos, nos quais apresentamos a história do Império da Rússia e sua formação de identidade no capítulo 1; em seguida, a história do Império Chinês e a sua influência ao longo dos anos, no capítulo 3 a história do Império Mongol e sua expansão no Oriente interrompida depois da morte do Khan que levou a fragmentação desse império; no capítulo 4, analisamos as relações asiáticas, juntamente as relações russas e seu afastamento do Ocidente e, finalmente no capítulo 5, discutimos se a Rússia realmente se identifica como Ocidente ou Oriente.

1) História do Império Russo

O maior país do mundo com cerca de 16 milhões de quilômetros quadrados, abrigando povos de diversas etnias tem sua formação com a junção de diversas tribos eslavas, conhecidas como Rus Kievana. Empurradas pelos mongóis para o nordeste, alocam-se na cidade de Moscou, formando o Grande Principado de

¹ Acadêmico do curso Relações Internacionais da Instituição de Ensino Superior (IES) da rede Ânima Educação. E-mail: Juliassabino03@gmail.com. Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Relações Internacionais da Instituição de Ensino Superior (IES) da rede Ânima Educação. 2024. Orientador: Prof. Ma. Alessandra dos Santos Libretti.

² Acadêmico do curso Relações Internacionais da Instituição de Ensino Superior (IES) da rede Ânima Educação. E-mail: Laissasouza11pm@outlook.com. Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Relações Internacionais da Instituição de Ensino Superior (IES) da rede Ânima Educação. 2024. Prof. Ma. Alessandra dos Santos Libretti.

Moscov³. Sendo cercada por povos como os vikings, povos árabes e turcos que desejavam absorvê-la, foi necessário a criação de uma defesa como ataque - estratégia criada por Ivan, o Terrível, o primeiro czar - para permanecer operando para além do medo da dominação “isto é, começar a se espalhar consolidando-se em casa e em seguida avançar para fora. Isso levou à expansão. Ali estava um homem para corroborar a teoria de que os indivíduos podem mudar a história. Sem sua personalidade, que misturava completa crueldade e antevisão, a história russa teria sido muito diferente” (MARSHALL, 2017). As questões territoriais também não ajudavam a manter o medo longe. Uma vasta planície que parte da França até os montes Urais e não possui delimitações naturais, deixa o território russo enfraquecido. A falta de proteção natural faz crescer a necessidade de formação de uma defesa mais estratégica, ou seja, estender suas fronteiras até um lugar em que a natureza consiga ajudar a impedir um ataque inimigo. No século X, a Rússia se expande para além dos Urais, chegando na Sibéria e na costa pacífica, o que dá direito ao mar, - porém congelado em grande parte do ano - mas ao mesmo tempo uma segurança, já que ninguém iria invadí-los dali. Essa expansão traria uma nova aquisição: a entrada para a Ásia.

A estruturação russa não se igualava a nenhum outro império. Enquanto a Europa ocidental se ocupava com a era das descobertas marítimas, o novo império procurava erguer-se como uma nação forte, impedindo ameaças que vinham de todos os lados. Esse império presenciou a queda de Constantinopla e a queda do Império Romano Oriental pelos mulçumanos, deixando à todos futuros imperadores do Império Russo uma mensagem: tornar-se “o único imperador entre todos os cristãos no universo inteiro’ com uma missão messiânica: a de reconquistar para a cristandade a capital bizantina caída” (KISSINGER, 2014). Ela estava por aprender a geopolítica pura. A disputa por território e seus recursos escassos, antes da descoberta do petróleo, a fez criar um ponto de ligação com a civilização. Para sua segurança, precisou criar um exército completo. Enquanto para os Estados europeus da ordem vestifaliana, o equilíbrio de poder seria sinônimo de paz, os russos entendem que seu domínio deveria ir até o limite para conseguir recursos naturais.

Apesar da inspiração dos césares romanos para criar o nome de seus imperadores ‘czares’, a Rússia estava distante para ter uma influência romana sólida em sua formação. Influenciada mais pela Igreja Ortodoxa em Constantinopla do que pela de Roma, a Rússia estava próxima o bastante da Europa para compartilhar um vocabulário cultural comum, ainda que eternamente fora de compasso em relação às tendências históricas do continente⁴. Sua formação mista a transformou em uma potência singular eurasiática.

A Rússia, possui vínculo com o Ocidente e também influência asiática. Assim, na prática, se via comparada pelos europeus com a brutalidade dos mongóis, “a disciplina europeia sustentando a tirania da Ásia” (KISSINGER, 2014). Em outras palavras, muito asiática para ser europeia, muito europeia para ser asiática. Essa política voltou à Rússia para oeste, expandindo o império a fim de se equiparar com as grandes potências europeias, influenciada, sobretudo, pelo comércio e o nacionalismo. “Uma Rússia mais segura e poderosa foi capaz então de ocupar a Ucrânia e chegar aos Cárpatos. Ela se apoderou da maior parte do que conhecemos hoje como países bálticos - Lituânia, Letônia e Estônia. Assim, estava protegida de

³ (MARSHALL, Tim. Prisioneiros da geografia: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global. Traduzido por: Maria Luiza X. de A Borges. 24 de maio de 2018, p.23)

⁴ (KISSINGER, Henry. Ordem mundial. Traduzido por: Cláudio Figueiredo. 2 abr. 2015. p. 43)

qualquer incursão por terra nesse caminho ou a partir do mar Báltico” (MARSHALL, 2017).

A modernização do Estado Russo se deu com Pedro, o Grande, em 1721, e Catarina Grande, com uma decisão bastante agressiva: “cortar os laços do povo com seus antigos costumes asiáticos e ensinar-lhe como se comportam os povos cristãos europeus” (KISSINGER, 2014). Aqui a Ásia toma o papel do outro, do não civilizado e bárbaro, que deve ser evitado.

Alexandre, o czar, considerava-se como um instrumento da vontade divina, quando chegou a Viena em 1814 com um projeto para uma nova ordem mundial, em certos aspectos ainda mais radical do que a de Napoleão em sua universalidade: “uma ‘Santa Aliança’ de príncipes que sublimavam seus interesses nacionais numa busca comum por paz e justiça, renunciando solenemente à balança de poder em nome dos princípios cristãos da fraternidade”⁵. Essa missão se comparava a uma ideia parecida com a europeia durante o período das colônias, uma missão civilizatória e “humanitária”. Alexandre I acreditava que por amor à humanidade, a expansão de território não era para o aumento do poder, nem por ganância ou a expansão de fronteiras. A Rússia construiu sua história com a missão de ser uma ponte entre esses dois mundos, mesmo que ambos os lados não entendessem suas ações.

Entrou para o sistema de Estados vestefalianos, mesmo sem ter a mesma formação histórica, possui costumes e tentou se adaptar às políticas, mas de um modo russo. Como diz Tim Marshall (2017) a Rússia não joga segundo as regras do Estado de direito.

“Desde então, a Rússia tem desempenhado um papel único no cenário internacional: toma parte do equilíbrio de poder tanto na Europa quanto na Ásia, porém contribui apenas de modo intermitente para o equilíbrio da ordem internacional” (KISSINGER, 2014).

Assim, a tradição russa começou a tratar o espaço como um elemento indissociável da identidade, um conjunto de elementos teórico-simbólicos que se refletem na geopercepção do mundo e na sua política externa⁶.

No início do século XX, o teórico britânico Halford Mackinder traz a concepção do mundo como um sistema político fechado, onde tudo já havia sido “descoberto” e colonizado, ou seja, para ampliar o poder precisaria expandir o território.⁷

Como citado anteriormente, os europeus ocidentais se preocuparam com a expansão de poder através das descobertas marítimas, enquanto os russos se preocuparam em ocupar a maior massa de terra contínua do planeta. Na visão de Mackinder, essa dupla forma de ocupação cria a causalidade geográfica, a contraposição terra-mar, onde ele entende que na história as guerras se deram pela disputa entre continentalismo *versus* oceanismo.⁸

Um desses exemplos de combate é o chamado Big Game, uma disputa entre Inglaterra e Rússia no século XIX. A Rússia buscava romper com seu isolamento geográfico, avançar para a região litorânea e chegar a “mares quentes”, enquanto a Inglaterra se via na obrigação de impedir o avanço da potência terrestre. O teórico britânico entende que seria mais fácil uma potência terrestre avançar para o mar do

⁵ (KISSINGER, 2014, p.48)

⁶ (FERREIRA, Marcos Farias; TERRENAS, João. Good-bye, Lenin! Hello, Putin! O discurso geoidentitário na política externa da nova Rússia. Revista Brasileira de Ciência Política, 2016, p.46)

⁷ (MELLO, Leonel Itaussu Almeida. Quem tem medo da Geopolítica? Hucitec Editora. 2 ed. 2015. p.27)

⁸ (ibid., p.36)

que uma potência marítima avançar na terra⁹. “As potências terrestres utilizavam-se de sua posição central e de suas linhas interiores para se expandir em direção às regiões periféricas e conseguir saídas para os mares e oceanos” (MELLO, 2015). Isso dá ao poder terrestre uma mobilidade muito superior à do poder marítimo, facilitando seu domínio. Caso uma potência dominasse outro ambiente, ela se tornaria uma potência anfíbia e teria mais chances de dominar o mundo. O objetivo era impedir que isso acontecesse. Neste caso, impedir o avanço russo para mares quentes.

Mackinder (O pivô geográfico da história, 2011) tratava países com formação predominantemente terrestre com maior tendência a serem expansionistas e uma vocação continentalista. Essa influência na Rússia vem desde os mongóis e pela sua própria formação territorial. Nesse sistema político fechado, um país dominaria o outro, e esse papel seria tomado pela Rússia. A partir desse sistema fechado, Mackinder vai criar uma nova divisão continental geográfica, considerando Europa, Ásia e África como um único continente, a *Ilha Mundial*. Neste plano estariam concentrados 85% da população mundial, um território riquíssimo em recursos, que possuiria toda a centralidade histórica da humanidade.

Durante a história, essa península teria sido fruto de uma unificação política realizada por Gengis-Cã e as hordas mongóis, tendo superado a divisão entre Ásia e Europa dos montes Urais. A expansão russa representou um contra-ataque direto e frontal, que colocou na defensiva as hordas mongóis. Neste espaço em disputa, o geógrafo britânico vai enxergar um núcleo basilar da massa eurasiática, que coincide com as fronteiras russas: O *Heartland*.

Heartland era a mais extensa região de planícies de todo o globo terrestre, uma fortaleza inacessível ao assédio do poder marítimo, favorecendo ao mesmo tempo o desenvolvimento do poder terrestre da potência continental que possuísse ou viesse a conquistar aquela região (MACKINDER, 2015).

“Quem domina a Europa Oriental controla o Heartland, quem domina o Heartland domina a Ilha Mundial; quem domina a Ilha Mundial controla o mundo” (MACKINDER, 2015).

Se tornaria então missão da Rússia dominar o Heartland para que tivesse acesso a mares e se tornar uma potência anfíbia, nos termos de Mackinder. Ela é um Estado já estabelecido na região, com ambições expansionistas e poder suficiente para se tornar um poder político contra-hegemônico. Isso representava um grande perigo às potências europeias.

”Por um lado, o *Inner Crescent* era o espaço natural de expansão do poder terrestre que, de posse do núcleo basilar eurasiático, procurava conquistar as regiões periféricas e obter saídas para o oceano, tendo em vista a construção de um poder marítimo. Por outro lado, o Crescente Interno era também a barreira física de contenção ou a primeira linha de defesa do poder marítimo, que procurava conter a expansão do poder terrestre e mantê-lo encurralado no coração da Eurásia” (MELLO, 2015).

Com a quantidade de recursos e a capacidade de dominação que o Heartland tem, a Rússia se tornaria uma potência mundial e de poder considerável mundialmente. O simbolismo da identidade russa é uma pauta em questão para o seu desenvolvimento e crescimento. O Império Russo ainda tem influência para os russos, “Mais do que “mitos civilizacionais”, esses objetos transgeracionais

⁹ (ibid., p.33)

representam uma justaposição de valores e percepções do mundo que marcaram diferentes períodos da história russa e definiram a sua cultura” (FERREIRA; TERRENAS, 2016). O Império Russo criou uma identidade russa que vem sendo construída até os dias de hoje, o sentimento de pertencimento ao seu território remete ao império.

“Assim, são as reminiscências identitárias que permitem a Khakismsianov sentir-se ainda hoje ligado a uma cidadania soviética simbólica, para lá da cidadania legal ucraniana. Para ele, a União Soviética materializa um sentimento de pertença e uma fidelidade política inquestionável. A identidade é isso mesmo, as memórias, as histórias, o imaginário metapoético de um povo ou, simplesmente, os melhores bolos e os melhores sorvetes do mundo. Metaforicamente falando, estes bolos e sorvetes da época soviética sustentam o projeto geo-identitário de Putin. São os referentes emocionais de uma memória partilhada que se fundem e legitimam o poder político por via da plasticidade própria do imaginário russo.” (FERREIRA; TERRENAS, 2016).

Esse sentimento pertencente a esse império não foi embora, e se alimenta a cada discurso de Putin quando ele promove a aliança com os países que já foram pertencentes ao Império Russo, “Essas narrativas são ‘os bolos e os sorvetes’ de uma certa geopolítica afetiva muito cara a Putin; são as reminiscências e memórias do Homo sovieticus como projeto partilhado que se lança no futuro” (FERREIRA; TERRENAS, 2016). Podemos perceber que a glorificação do Império nessa época remete a vontade desse tempo novamente. No Império Russo, a questão identitária foi importante para que todos esses países anexados se sentissem pertencentes ao todo, reduzindo a possibilidade de revoluções separatistas. “Contudo, não se trata aqui de uma identidade meramente reciclada; é antes de mais uma nova topografia afetiva o que está em execução na Rússia que contesta a liminaridade pós-soviética.” (FERREIRA; TERRENAS, 2016).

2) História do Império Chinês

O Império Chinês se portava no Sistema Internacional diferentemente do Ocidente e fazia questão de ser diferente. “Tradicionalmente, a China buscava dominar em termos psicológicos os outros países por meio das suas realizações e da sua cultura — entremeadas com ocasionais investidas militares para ensinar uma “lição” aos bárbaros recalcitrantes e também para inspirar respeito.” (KISSINGER, 2014). Para eles o mais interessante era o viés econômico, suas políticas eram voltadas à influência chinesa não impondo um convencimento forçado mas sim um apoio voluntário.

“Contudo, a China não era uma sociedade imbuída de uma missão no sentido ocidental do termo. Ela procurava inspirar respeito, não impor conversão; essa linha sutil jamais podia ser cruzada. Sua missão era o seu desempenho, o qual se esperava que fosse admitido e reconhecido pelas sociedades estrangeiras. Era possível que outro país se tornasse um amigo, até mesmo um velho amigo, mas jamais poderia ser tratado pela China em termos de igualdade. Ironicamente, os únicos estrangeiros que obtiveram algo semelhante a esse status foram os conquistadores. Num dos mais espantosos feitos de imperialismo cultural da história, dois povos que tinham conquistado a China — os mongóis no século XIII e os manchus no século XVII — foram induzidos a adotar os elementos fundamentais da cultura

chinesa para facilitar a administração de um povo tão numeroso e tão obstinado na crença na sua própria superioridade cultural. Os conquistadores foram assimilados num grau significativo pela sociedade chinesa derrotada, a ponto de partes importantes dos seus territórios de origem acabarem por ser considerados tradicionalmente chineses. A China não tinha pretendido exportar seu sistema político; tinha visto, ao contrário, outros virem adotá-lo. Nesse sentido, ela se expandiu não pela conquista, mas por osmose.” (KISSINGER, 2014).

A Estruturação da Ásia foi diferente da europeia: primeiro, devido a sua formação, com uma lógica de formação de Estados diferente da vestfaliana, segundo, pela influência da Europa como colonizadores. Como similaridade aos Estados ocidentais, se entendem como predestinados à grandeza, são impulsionados pelo próprio dinamismo. Eles não buscam um equilíbrio de poder mas os próprios interesses nacionais. “Não se reconhecem como habitantes de um único continente; sem algo comum entre eles como é o Império Romano para o Ocidente” (KISSINGER, 2014). A Ásia não tem características próprias como um conjunto.

O conceito de China como civilização começou quase 4 mil anos atrás. O local de nascimento foi a região conhecida como planície do norte da China, que os chineses chamam de planície Central. Possuía a ideia de que ocupava o centro da ordem mundial e estava intrínseco no modo de pensar de sua elite que o idioma chinês não possuía nenhuma palavra para ordem mundial. Ela se entendia como centro dessa ordem, sinocêntrica, circulada por Estados tributários. Era o “Império do Meio”, seu imperador tratado como uma divindade, com a missão de levar o aperfeiçoamento à humanidade. Dominar tudo que existe sob o Céu¹⁰. Foi uma civilização isolada, não via necessidade de se integrar ao sistema internacional. Um exemplo da superioridade em relação aos outros Estados é o *kowtow*, — ato de ajoelhar-se e abaixar a cabeça até tocar no chão em reconhecimento à autoridade superior do imperador — um obstáculo nas relações com os modernos Estados ocidentais. Mostrava a forma como a China enxergava os seus “iguais”, mas com ar de superioridade¹¹.

3) História do Império Mongol

O Império Mongol foi significativamente influente durante sua dominação. Gêngis Cã tinha muita determinação em conquistar a Europa, “O grande personagem da história do Império Mongol é Gêngis Cã. Temudjin, seu nome, conseguiu unificar e pôr sob seu comando as tribos nômades mongóis, fosse por sua destreza militar, fosse por sua inteligência nas alianças políticas” (VICENTE, 2004). Sua ambição não foi o suficiente para sustentar as outras gerações: seus filhos não conseguiram levar adiante sua dominação, tiveram problemas para anexar os territórios invadidos e conquistados.

“Quatro de seus filhos, os gerados pela primeira esposa, Boerte, tiveram direito a herança. O primogênito, Djútchi, receberia as terras de estepes em torno dos rios Volga e Ural, mas, como morrera pouco antes de Gêngis Cã, o filho de Djútchi, Batu, as herdou. Tchagatai, o segundo filho, ficou com a Ásia Central e a Pérsia. Oguedai, embora tivesse a preferência de seu pai para o substituir como grão-cã, comandaria um ulus (povo ou grupo de povos) próprio, a leste do lago Balcache. E a Tolui, o mais novo, coube a terra-mãe da Mongólia.

¹⁰ (KISSINGER, 2014, p.149)

¹¹ (KISSINGER, 2014, p.150)

Todos esses territórios serviam à prática do nomadismo das estepes; as zonas sedentárias controladas pelo Império dependeriam diretamente do grão-cã e deveriam pagar tributos e ceder contingentes para as tropas imperiais. Embora fosse o preferido de Gêngis Cã, Oguedai teve que se submeter a uma kurultai, pela qual foi aclamado em 1229, reinando até 1241. Seu comando deu início à segunda fase do Império Mongol.” (VICENTE, 2004).

A dominação Mongol dos territórios que pertenciam à China e a Rússia significou uma dominação preocupante para os territórios conquistados. O império vinha crescendo e ganhando força, porém a morte do Khan, mudou o curso desse império em ascensão, ditando o fim da sua expansão. “Gêngis Cã comandou em pessoa as conquistas da China do Norte (1209), Turquestão (1218), Corásmia (1220), e enviou seus melhores generais (Djebe e Subotai) para conquistarem as terras caucasianas, submeterem os turcos quiptchaques do norte do mar Cáspio e pilharam o principado de Kiev (1222). Após os sucessos no oeste, houve uma nova campanha contra a China, durante a qual Gêngis Cã morreu, ao que parece, de causas naturais, não sem antes ter orientado seus herdeiros quanto à continuação das conquistas.” (VICENTE, 2004). O império Russo e Chinês tomaram seus territórios de volta dos Mongóis, pois com a morte do Khan, a Mongólia não manteve seu poder nos territórios conquistados, que significou para a Rússia e a China a reconquista dos seus antigos territórios.

4) As Relações Asiáticas e Ocidentais

Entre o continente asiático e europeu é impossível negar a influência de ambos, tanto na cultura quanto na política russa. A Rússia possui ligação com a Ásia em sua formação, mais do que com a Europa, com influência mongol e eslava, que constituem sua formação. A expansão russa se comparava mais à asiática, conquistando os territórios próximos, diferente da Europa que escolhia avançar para o mar. A falta de acesso ao mar quente impulsionou a Rússia a se expandir para o litoral. Ao estabelecer o que seria uma identidade asiática, devemos analisar os impérios Mongol e Chinês e apontar a falta de um império consolidado na Ásia, como foi o Império Romano para a Europa¹². Se visualizarmos que tipo de resultado essa análise individual dos três impérios traz, à primeira vista é possível notar que tanto Rússia quanto China absorveram o espírito de expansão mongol, o ataque como defesa para se proteger da dominação de outros povos. À diferença da Rússia, a China encontrava barreiras naturais¹³. Para a Rússia passar por esses conflitos com o Império Chinês e Mongol colaborou com a sua consolidação, na atualidade esses conflitos foram superados. “Tanto a China quanto a Rússia afirmam oficialmente que não há conflitos em relação à Ásia Central” (YAKHSHILIKOV, 2023). Nesses países a convivência é distinta mas não significa que tem tensões nessas relações.

“A única coisa que impediu os países de entrarem em um conflito direto e duro foi o fato de os interesses serem um pouco diferentes. A Rússia busca apenas seu domínio político na região. Como os países são subdesenvolvidos e em desenvolvimento em termos econômicos, a Rússia não consegue obter lucros significativos desses países. No entanto, a China criou sua BRI, a região é economicamente atraente para a China e a

¹²(KISSINGER, 2014, p.121)

¹³(MARSHALL, 2017, p.50)

influência da China está aumentando passo a passo. Portanto, o confronto existe, mas não é tão crítico. No entanto, esse conflito está se tornando cada vez mais difícil. A influência da China na região está crescendo e sua influência econômica está impactando os setores políticos e sociais da região.” (YAKHSHILIKOV; 2023).

As características políticas do império russo são primordialmente similares às asiáticas. A forma de hierarquia, diferente da soberania, foi o princípio organizador na relação com outros povos. Seu forte era demonstrar seu poder, de serem temidos, não de dominação como os europeus, mas na imposição de respeito.

”Enquanto a ordem europeia adotava um equilíbrio de ‘Estados soberanos’ definidos em termos territoriais, reconhecendo a igualdade jurídica uns dos outros, as forças políticas tradicionais da Ásia operavam segundo critérios mais ambíguos. Até um período bem avançado da Era Moderna, um mundo asiático ‘interno’, influenciado pelo Império Mongol, Rússia e Islã, coexistia com o sistema de tributários do Império Chinês; este último se estendia para além dos seus limites, na direção dos reinos do Sudeste Asiático, que acatavam as pretensões de universalidade por parte da China, mesmo praticando uma forma de governança profundamente influenciada pelos princípios hinduístas recebidos da Índia, os quais atribuíam aos monarcas uma forma de divindade” (KISSINGER, 2014).

A característica de expansão russa sempre foi um problema para a Europa, que ficava com medo do que ela poderia ser capaz de fazer para conquistar seus objetivos. A partir de Pedro, O Grande, as características asiáticas são deixadas de lado para se alinhar com as monarquias europeias, vista como culturas mais modernas, projetando seu império para conquistar um lugar entre as potências ocidentais. Todo esse tempo o império russo nunca deixou parte da Ásia de lado. Além das fronteiras em comum, manteve resquícios da tirania asiática e o cuidado com seu entorno. O desprezo do ocidente seria a força motriz para que crescesse cada vez mais a ponto de competir com os impérios europeus.

Aos poucos ela foi se constituindo com um império fortificado, capaz de derrotar Napoleão e Hitler usando sua infinita planície, possuir o maior exército do mundo na 1ª Guerra e causar medo no Ocidente. A quebra com a Europa se deu no Pós Guerra Fria, em que seu alinhamento com a Europa passou a ser impedido pelos EUA e sua caçada pelos socialistas, modelo contrário ao adotado pelo Ocidente. Apesar de todos esses empecilhos, não há como negar sua forte ligação com a Europa. Zhebit (2003) vai apontar que mesmo com divergências com a Europa e seu modelo, não haveria como se posicionar de maneira totalmente contrária “e mesmo se tivesse, não o faria, pois seria um suicídio político internacional. Mas ao mesmo tempo a Rússia não é tão fraca para ser um objeto dócil e passivo da política ocidental” (ZHEBIT, 2003).

Em sua visão, a proximidade com a mentalidade europeia representa um atrativo para a criação de um vetor europeu, logo seria mais provável a criação de uma aliança russo-europeia para a diminuição de ameaças que emanam da Europa e seus aliados americanos. “A opção pelas alianças e parcerias ocidentais contribuiu para o reforço e a garantia de segurança das posições internacionais da Rússia na etapa de sua inserção pós-soviética e pós bipolar nas estruturas estratégicas, econômicas e financeiras do ocidente” (ZHEBIT, 2003).

Marshall (2017) apresenta sua tese de que apesar de seu território estar em parte na Ásia, a Rússia não teria como ser asiática.

"Sejam quais forem suas credenciais, a Rússia não é uma potência asiática por muitas razões. Embora 75% de seu território esteja na Ásia, somente 22% de sua população vive ali. A Sibéria pode ser a "arca do tesouro" da Rússia, contendo a maior parte da riqueza mineral, do petróleo e do gás, mas é uma terra inóspita, congelada por meses a fio, com vastas florestas (taiga), solo pobre para a agricultura e vastas extensões de pântanos. Somente duas redes ferroviárias correm do oeste para o leste - a Transiberiana e a linha ferroviária Baikal-Amur. Há poucas rotas de transporte levando do norte para o sul, portanto nenhum caminho fácil para que a Rússia projete seu poder rumo ao sul, para a Mongólia moderna ou a China: faltam-lhe mão de obra e linhas de suprimentos para tanto" (MARSHALL, 2017).

Há, também, as disparidades com as políticas da Ásia. "Em primeiro lugar, os interesses estratégicos e políticos da Rússia, da China e da Índia, de um modo geral, coincidindo em assuntos globais, não convergem em assuntos regionais ou divergem em assuntos concretos" (ZHEBIT, 2003). Seus valores civilizacionais e culturais são distintos, além de interesses econômicos conflitantes:

"A China, 'economia de mercado socialista', define os seus interesses nacionais em termos da solução do problema de Taiwan e da promoção comercial. A Índia, 'a maior democracia mundial', fora da preocupação com as forças centrífugas dentro de sua federação, investe na solução do conflito indo-paquistanês por vias não necessariamente pacíficas. A Rússia, economia ex-socialista em transição ao mercado e ao estado de direito, envolvida na eliminação do foco da 'dissidência' chechena, está mais preocupada com o controle administrativo de sua imensidão territorial e com a instabilidade no seu 'anel de vizinhança' caucasiano e asiático" (ZHEBIT, 2003).

O autor apresenta como justificativa o fato da integração da Rússia em várias instituições ocidentais, como a entrada na OMC e seu reconhecimento como uma economia de mercado. Entretanto, o alinhamento com organizações ocidentais não necessariamente resulta em uma concordância com a ordem ocidental. Sua entrada representa uma tentativa de se manter ativa nas decisões e evitar ser colocada à margem do Sistema Internacional. A Rússia tem se mostrado bastante descontente com essa ordem e seus resultados. Sua ligação com a Europa vai além de política e histórica, ela é dependente do gás e do petróleo russo.

Assim como a Ásia, a Rússia valoriza mais os valores e interesses nacionais do que os da ordem. Isso é mostrado após a invasão da Crimeia em 2014, em que a justificativa russa foi o restabelecimento de seu território, ainda que para o resto do mundo tenha sido considerado uma invasão, tendo como punição uma série de sanções que causaram seu afastamento diante da Europa e sua aproximação da Ásia. A Mongólia possui certa desconfiança da Rússia, uma vez que há uma possibilidade de seu território ser invadido como parte de restituição de seu antigo império. "Tanto a China quanto a Rússia têm muitos interesses estratégicos na região e têm um inimigo mútuo: os Estados Unidos" (YAKHSILIKOV, 2023).

A Guerra Fria criou uma separação entre o Kremlin e a Europa; o avanço da OTAN também favorece esse afastamento. A Rússia tem se preocupado com a perda de influência com a chegada da OTAN. Não é apenas a característica expansionista desse forte ator, mas sua preocupação com os países de seu antigo território: "Desde então os russos passaram a observar ansiosamente, à medida que a OTAN se aproximava cada vez mais, incorporando países que, segundo a Rússia, haviam

lhes prometido que não se associariam a entidade” (MARSHALL, 2017). A percepção Ocidental é de que a Rússia não tem opção a não ser aceitar seus interesses pela sua fraca situação atual. Isso tem acumulado ameaças de segurança à Rússia. É de sua natureza proteger seu entorno, além de que não é nada agradável ter seu inimigo observando suas ações tão próximas. Suas principais instalações militares e tecnológicas estão nessa região, deixando-os vulneráveis¹⁴. Assim é possível perceber que durante a história, este país esteve cercado de inimigos, sua forte ligação com o território no entanto faz com que cada ameaça seja uma forma de mostrar sua força.

O avanço da OTAN começou a se tornar um problema a partir da intervenção nos Balcãs, especificamente na Iugoslávia. Foi interpretada pelos russos como um afronte à antiga esfera de influência política soviética. “Além de concentrar na periferia vários conflitos entre e dentro das antigas repúblicas da União Soviética, a região é uma arena de concorrência entre os Estados Unidos e a Rússia pelo acesso aos recursos energéticos (petróleo e gás) e pelas vias de seu transporte” (ZHEBIT, 2003). A visão sobre os recursos energéticos também se aplica na tentativa da entrada da Ucrânia à OTAN. O país é um importante caminho do gás e petróleo russo para a Europa, que por conta da Guerra iniciada em 2021 sofreu impactos significativos. A Rússia tem instintivamente protegido suas fontes energéticas. Por conta disso, tem sido uma prioridade da política externa do Kremlin já a alguns anos voltar a projetar sua esfera de influência na antiga órbita soviética e evitar a aproximação desses países com o Ocidente. “Com a ampliação da OTAN para membros da ex-URSS e as intermitentes ameaças norte-americanas de construção de um escudo antimísseis na Europa do Leste, assim como a intervenção em países próximos a Moscou, como Ucrânia e Sérvia” (PAUTASSO, 2011).

O Ocidente tem se mostrado preocupado com a demasiada influência russa na Ásia e isso tem se refletido no avanço da OTAN, ou seja, ambos os lados vão continuar se chocando enquanto continuam avançando para a zona de interesse. Essa ação de manter o Ocidente, principalmente os EUA e suas forças militares afastadas, não é apenas da Rússia, pois a China também rejeita a intromissão de “forças estrangeiras”. Neste ponto começa um possível diálogo e um objetivo comum entre Rússia e China. O fim da Guerra Fria foi o pontapé inicial para as resoluções dos conflitos entre Rússia e China ainda sob lideranças de Gorbatchov e de Deng Xiaoping, influenciado pela progressiva liderança chinesa na região. Tanto China como Rússia têm a visão similar de preservar sua influência no entorno geográfico, ainda que possuam divergências sobre posicionamento, elas entendem que qualquer intervenção externa pode ser crucial para a perda de espaço geopolítico. “Nesse contexto devem ser analisadas as implicações geopolíticas da crescente cooperação entre Rússia e China, fortalecida ano a ano desde o início do século 21, quando foram praticamente superadas as disputas fronteiriças e as desconfianças mútuas que ainda criavam dificuldades para uma aproximação mais efetiva” (BISSIO, 2017).

Ao longo dos anos 2000, Rússia e China além de consolidarem sua capacidade de soberania do Estado no âmbito doméstico, se preocuparam em proteger a Eurásia, sua região em comum. Apesar da agenda de Moscou estar mais interessada no Leste Europeu, Oriente Médio e ártico, e a chinesa ter como prioridade o afastamento dos Estados Unidos da região, ambos possuem um ponto em comum:

¹⁴ (ZHEBIT, Alexander. A Rússia na ordem mundial: com o Ocidente, com o Oriente ou um pólo autônomo em um mundo multipolar?. Revista Brasileira de Política Internacional, 2003, p.159)

estão insatisfeitos com a intervenção do Ocidente na Rússia, e estão em oposição ao sistema, lutando para não acabarem como subalternos ou vassalos políticos. "Cresceu o sentimento de estar sendo pressionado por um Ocidente arrogante e predador, determinado a difundir seus valores liberais, ao mesmo tempo em que alimentava as oligarquias que haviam se formado com as largas privatizações do período de transição" (SCHUTTE; DEBONE, 2020). A aproximação destes tem se mostrado não apenas em termos geoestratégicos, mas também em comerciais, como por exemplo, a criação Organização para a Cooperação de Shanghai (OCS), criada em 2001. Para a China, essa organização representa tanto impulsionar investimentos e o comércio da região, ampliar o fornecimento de recursos naturais, especialmente petróleo e gás natural, além de evitar a presença militar-estratégica dos EUA nas proximidades do território Chinês; para a Rússia, uma forma de se manter ativa na região e mostra que não se deixa abalar pelas regras da ordem. "Ásia Central tem sido um conduto da globalização Oriente-Ocidente pela Rota da Seda e um espaço de competição entre potências na zona do Grande Jogo, tanto ao passado quanto ao futuro" (PAUTASSO, 2011). Os russos não estão felizes com a interferência ocidental na sua antiga esfera de influência política e histórica. A primeira vista, faz o Ocidente pensar que as intenções russas são de estabelecer a antiga União Soviética, mas as intenções de Putin estão mais de acordo com restaurar o poder da Rússia nos termos imperiais do século XIX, como apontado pela ex- secretária de Estado norte-americana Hillary Clinton¹⁵.

A anteriormente citada região do Heartland tem sido interesse tanto da Rússia, pelos países com ligação à URSS, quanto da China, pelo poder de comércio. A aliança, apesar de divergências, está bem estabelecida, pois possuem objetivos comuns, mesmo que sua realização possa vir a ser por caminhos diferentes. A China é atualmente o principal parceiro comercial da Rússia, com o pagamento recíproco em moedas nacionais. Está claro que ambos buscam diminuir a influência do dólar no seu comércio. Faz parte da cultura asiática colocar à frente os interesses e objetivos nacionais mais do que os direitos humanos e valores da ordem mundial. Tanto Rússia como China usam a ordem a seu favor, incluindo se inserir nas instituições ocidentais, além de criar suas próprias dentro desse modelo. "Na Ásia, muito mais do que na Europa, [...] as máximas do modelo vestfaliano de ordem internacional encontram sua expressão contemporânea — incluindo doutrinas que vêm sendo questionadas por muitos no Ocidente como focadas de forma excessiva no interesse nacional ou insuficientemente atentas à proteção dos direitos humanos" (KISSINGER, 2014). Este arranjo mostra as intenções de uma Eurásia que quer se livrar da influência dos EUA, mas também quer ter seus próprios anseios de desenvolvimento. Alguns autores dizem que o confronto entre esses países seria inevitável, por conta de uma possível disputa hegemônica entre Rússia e China, "Portanto, o próximo passo da China é separar totalmente a Rússia da Ásia Central, e a Rússia nunca concordará com isso. Portanto, o confronto surge como inevitável, e o futuro da Ásia Central é altamente dependente dessa rivalidade" (YAKHSHILIKOV, 2023).

Esses fatos mostram que a Rússia teme ficar à margem do Sistema Internacional e tem se esforçado para mostrar que seus interesses também têm que ser postos na mesa de negociações. Ela quer demonstrar que ainda pode ser uma grande peça no jogo de negociações na Eurásia. A expectativa é "que a ordem internacional se desenvolva de modo a tornar possível que a China volte a desempenhar um papel central na formulação de regras, até mesmo a ponto de rever algumas das normas

¹⁵ (FERREIRA; TERRENAS, 2016, p.57)

atualmente em vigor” (KISSINGER, 2014). Essa análise de Kissinger acabaria de se tornar verdade tanto para China quanto para Rússia.

5) A Identidade Russa

A questão é: qual a real identidade russa? É possível afirmar que um país com dimensões continentais se entende de uma maneira própria, sem ser parte da Europa ou da Ásia, mas em seu próprio continente. Assim a Rússia não se identifica como europeia nem asiática, não possui a mesma formação que os Estados Europeus (Império Romano e Vestfália) e ao mesmo tempo possui influência asiática mas rejeitou sua influência na tentativa de se tornar mais Ocidental. Como afirmado por Kissinger, “Tudo a respeito da Rússia — seu absolutismo, seu tamanho, suas ambições e inseguranças capazes de abarcar o mundo — apresentava um desafio implícito ao conceito tradicional europeu de ordem internacional” (KISSINGER, 2014).

Outro ponto para afirmar sua identidade própria é a disparidade com ambos os lados. A Europa se incomoda com a expansão russa e sua estratégia para a retomada dos antigos territórios. As ações russas causam extrema preocupação por desafiar a ordem mundial, como é o caso das intervenções na Criméia e na Ucrânia resultando em sanções que não representaram impacto significativo, apenas a distanciou ainda mais da Europa e a fizera se voltar para a China e a transformara em sua principal aliada. “As sanções de alcance progressivo, impostas pelos Estados Unidos e pela União Europeia sobre a Rússia, ampliam a vulnerabilidade econômica do país, já fortemente afetado pela queda dos preços do petróleo a partir da segunda metade de 2014. Foi justamente esse contexto que evidenciou a China como a principal oportunidade para a economia russa” (SCHUTTE; DEBONE, 2020).

Além disso, a Rússia entende que sua função é se tornar o fiel da balança entre a Europa e a Ásia, o ser capaz de unir esses dois continentes. “A situação explosiva em cada uma dessas regiões precisa ser contrabalançada pela forte e equilibrada política externa russa, baseada nos interesses de segurança e de estabilidade interna” (ZHEBIT, 2003). Ela pretende se tornar o Império que já foi, um forte ator geoestratégico no comando da maior área em extensão do planeta, onde está presente o interesse de diversos atores como Estados Unidos, China e União Europeia.

“A posição da Rússia na confluência dos caminhos da cooperação entre a Europa e a Ásia estimula os grandes atores da ordem mundial a tentar envolver a Rússia em esquemas ou de cooperação ou de rivalidade estratégica, política, econômica e comercial, que passam por seu envolvimento em três principais estruturas transregionais e transnacionais: segurança internacional, economia e comércio globais, e redes globais” (ZHEBIT, 2003).

Restabelecer a ordem mundial como um sistema multipolar das relações internacionais, que de fato reflita o mundo atual, com diversos atores e seus interesses¹⁶. Neste ponto também se encaixa sua aliança com a Ásia, o entendimento de firmar uma aliança com aqueles que desempenham o papel de “outros” na tentativa de uma construção conjunta de um contraponto à ordem Ocidental. “A ideia era que a Rússia não ficasse isolada em seu movimento de desafio à política intervencionista dos Estados Unidos, sobretudo se for considerado

¹⁶ (Foreign Policy Concept of the Russian Federation. International Affairs, Moscou, 2000. N. 8-9, p.3-14 apud ZHEBIT, 2003, p.165)

o contexto das mencionadas sanções econômicas aplicadas pelo Ocidente à Rússia após a incorporação da Crimeia” (SCHUTTE; DEBONE, 2020).

É impossível negar sua relação tanto histórica como atual com ambos os lados, porém ela possui interesses próprios, tem procurado estabelecer sua influência no seu entorno regional, não deixar que as potências possam influenciar sua proteção entendendo-se como potência, passando essa imagem ao mundo. “Num claro jogo de memórias com o fim político de reconstruir uma identidade comum agregadora, após a desagregação dos anos 1990” (FERREIRA; TERRENAS, 2016). Ela necessita se fortalecer geograficamente e manter uma postura sólida. Como afirma Brzezinski, o fim da união soviética gerou um colapso no Império Russo, um vácuo de poder no centro da Eurásia causando uma crise social identitária. Assim, cabe a Rússia se fortalecer, alongar e seu entorno regional para se restabelecer como potência, cuidar de suas alianças, não se manter longe do Ocidente, apenas o suficiente para mostrar suas próprias aspirações; alinhar-se a China e a Ásia, manter os de fora longe e se fortalecer nesta nova ordem que está a surgir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o comportamento russo na atualidade nos deparamos com diversas atitudes que nos geram um questionamento: a Rússia seria um país Oriental ou Ocidental em sua perspectiva identitária? Analisamos por meio da história dos impérios Chinês e Mongol, a influência desses na formação da identidade russa. Essa análise nos possibilitou entender, que o Império Mongol moldou a característica expansionista, e o Império Chinês, contribuiu na influência econômica, ao longo dos anos resultou nos atuais comportamentos russos, estabelecendo uma visão mais clara da sua identidade atual.

Para essa análise, Kissinger contribuiu para apresentamos a história da Rússia, que desde o império possui relações asiáticas, analisadas pelas obras de Mello, atualmente se destacando com as relações chinesas, pois ambos têm visões similares à Eurásia, fica evidente que a Rússia possui seu próprio viés, sua identidade nem Ocidental nem Oriental culminou para a construção de sua própria identidade, tendo como características principais a proteção de seu entorno e seus territórios que foram do Império Russo, essa identidade expansionista russa foi uma das causas para o afastamento do Ocidente, em contrapartida, a aproximação com o *Heartland*, idealizado por Mackinder, o fortalecimento nas relações com a Ásia e uma nova aliança com a China.

REFERÊNCIAS

APARICIO, J. P. El imperio mongol y Gengis Khan. Scriptorium. 2021, (27). Disponível em: <https://repositorio.uca.edu.ar/handle/123456789/15952>.

BISSIO, B. Novos cenários geopolíticos: A aliança entre a Rússia e a China pode mudar o futuro da Eurásia. Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica, v. 9, n. 3, p. 532-553, 13 out. 2017.

BARBOSA, J. Mateus . A Representação dos Mongóis em Alexander Nevsky, de Sergei Eisenstein. Caderno de História da UFPE , v. 12, p. 171-189, 2017.

CARPINI, Giovanni da Pian del. 'Ystoria Mongalum' in Van den Wygnaert, Anastasius (ed.), Sinica Franciscana, vol. I: Itinera et relationes fratrum minorum saeculi XIII et XIV (Florença: Alfani, 1929), pp. 2-130. História dos Mongóis aos quais chamamos Tártaros A Simões, G Infante - 2015 - Disponível em: repositorio.ul.pt.

DO NASCIMENTO, Mário Brasil. Lebensraum, grossraum e os comportamentos geopolíticos da Rússia e da China, v. 13, n. 4 (2022).

FIALHO, V. L.; HAINES, A. E. F. Porto de Gwadar: o eixo geoestratégico do corredor econômico China-Paquistão. Conjuntura Austral, [S. l.], v. 10, n. 52, p. 80–99, 2019. DOI: 10.22456/2178-8839.96336. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/96336>. Acesso em: 11 mar. 2024.

FERREIRA, Marcos Farias; TERRENAS, João. Good-bye, Lenin! Hello, Putin! O discurso geoidentitário na política externa da nova Rússia. Revista Brasileira de Ciência Política, [S. l.], n. 20, p. 43–78, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2383>. Acesso em: 19 mar. 2024.

FERNANDES, Taináh de Tahan Gadioli Abrahão. O primeiro império e a origem da “nação” chinesa. 2005. 79 f. Monografia (Graduação) – Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2005

GARCIA ESPADA, A. El Imperio mongol y la formación de Occidente. Una actualización historiográfica. Studia Historica. Historia Medieval, [S. l.], v. 42, n. 1, p. 187–209, 2024. DOI: 10.14201/shhme.31125. Disponível em: https://revistas.usal.es/uno/index.php/Studia_H_Historia_Medieval/article/view/3112. Acesso em: 17 mar. 2024.

GOODYEAR, Michael. "A Horda Dourada." Traduzido por Rogério Cardoso. World History Encyclopedia. World History Encyclopedia, 14 Out 2019. Disponível em:

<https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-18503/a-horda-dourada/>. Acesso em: 11 mar. 2024.

KISSINGER, Henry. *Ordem mundial*. Traduzido por: Cláudio Figueiredo. 2 abr. 2015. (cap 2, 5 e 6).

MACKINDER, Halford J. O pivô geográfico da história. *GEOUSP Espaço e Tempo* (Online), São Paulo, Brasil, v. 15, n. 1, p. 88–100, 2011. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2011.74189. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74189>.. Acesso em: 11 mar. 2024.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. *Quem tem medo da Geopolítica?* Hucitec Editora. 2 ed. 2015

MORAES, Taynara. *A ascensão e a queda do Império Russo*, Politize. 07/02/2024. Disponível em: <https://www.politize.com.br/imperio-russo/>. Acesso em: 18/03/2024.

Mongolia country profile. Fonte - BBC Notícias. 4 September 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-pacific-15460525>. Acesso em: 18/03/2024.

MARSHALL, Tim. *Prisioneiros da geografia: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global*. Traduzido por: Maria Luiza X. de A Borges. 24 de maio de 2018, capítulo 1 e 2.

O país 'espremido' entre China e Rússia que teme nova Guerra Fria. Fonte - BBC Notícias. 15 abril de 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/ce74w3zjg1o>. Acesso em: 18/03/2024.

PAUTASSO, D. *A Nova Rota da Seda e seus desafios securitários: os Estados Unidos e a contenção do eixo Sino-Russo*. *Estudos Internacionais: revista de relações internacionais da PUC Minas*, v. 7, n. 2, p. 85-100, 10 ago. 2019.

PAUTASSO, D. *China, Rússia e a integração asiática: o sistema sinocêntrico como parte da transição sistêmica*. *Conjuntura Austral*, [S. l.], v. 2, n. 5, p. Pág. 45–60, 2011. DOI: 10.22456/2178-8839.18688. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/18688>. Acesso em: 19 mar. 2024.

PAÚL, Fernanda. *O que é o 'Mundo Russo' que Putin quer unificar*. *BBC News Mundo*. 10 Março 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60664533>. Acesso em: 18/03/2024.

ROCHA, Douglas de Quadros; Eichner, Elisa Felber; Tocchetto, Júlia; Freitas, Juliana; Monteiro, Valeska Ferrazza; Roberto, Willian Moraes. *ASSEMBLEIA GERAL*

DAS NAÇÕES UNIDAS, A Situação na Ucrânia. Guia de Estudos 2015 da simulação das Nações Unidas para Ensino Médio UFRGSMUNDI. v.3, 2015 (p. 70 à 100)

SCHUTTE, Giorgio Romano; Debone, Victor Sant'Anna. Parceria China e Rússia: bases reais para superar desconfiança histórica. Rev. Carta Inter., Belo Horizonte, v. 15, n. 2, 2020, p. 28-51

TZILI-APANGO, Eduardo. La geopolítica de la integración de Mongolia Interior a la República Popular China, 1949-1966. Méx.cuenca pac, Guadalajara , v. 12, n. 34, p. 23-44, abr. 2023 . Disponível em <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2007-53082023000100023&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 16 mar. 2024.

VICENTE, L. Rafael Xavier . As relações político-religiosas entre o Império Mongol e a Europa Ocidental em meados do século XIII: missionários franciscanos no Oriente. Revista Vernáculo , v. 5, p. 8-19, 2004.

VISENTINI, Paulo Fagundes; Thudium, Guilherme. Porto Alegre, AUSTRAL: 10 ANOS DE COOPERAÇÃO SUL-SUL. Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais, e-ISSN 2238-6912 | v.10, n.20, Jul./Dez. 2021 | p.9-26

YAKHSHILIKOV, S. UNAVOIDABLE CLASHES: EXPLORING THE IMPLICATIONS OF A CHINA-RUSSIA ALLIANCE ON GLOBAL GEOPOLITICS. AUSTRAL: Brazilian Journal of Strategy & International Relations, [S. l.], v. 12, n. 23, 2023. DOI: 10.22456/2238-6912.131366. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/austral/article/view/131366>. Acesso em: 18 mar. 2024.

ZHEBIT, Alexander. A Rússia na ordem mundial: com o Ocidente, com o Oriente ou um pólo autônomo em um mundo multipolar?. Revista Brasileira de Política Internacional, 46(1), 153-181. 2003.